

de Galvêas aos EUA

O alerta

Uma dura advertência do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas ao governo norte-americano, a quem atribuiu a responsabilidade pela elevação das taxas de juros internacionais: se voltarmos novamente às taxas de 20% de juros, como em 1981, é bom que o governo dos EUA se cuide, pois as consequências nos mercados financeiros internacionais serão catastróficas para os bancos.

As declarações de Galvêas foram transmitidas, ontem, por telefone, do Rio de Janeiro, onde se encontra desde quinta-feira, pra seu porta-voz Pedro Luiz Rodrigues. Em nota distribuída à imprensa, o ministro acusa o governo norte-americano de estar "brincando com fogo", diante da incapacidade de reduzir seu déficit fiscal.

Com as declarações de Galvêas, o governo brasileiro endurece claramente sua posição diante do sistema financeiro internacional. Suas afirmações foram interpretadas como um recado "firme e grosso" do governo, de que o País já atingiu o limite de sacrifício interno, para cumprir o rigoroso programa de ajustamento da balança de pagamentos.

Somadas às firmes declarações do presidente João Figueiredo, durante a visita do presidente mexicano Miguel de la Madrid, na qual defendeu uma maior união dos países devedores da América Latina, o Brasil parece, a esta altura, firmemente decidido a rever as exigências que minam a economia nacional.

Brincando com fogo

São estas as afirmações de Galvêas, transmitidas ao seu porta-voz:

— A elevação de 0,5% ou 1,0% na *prime-rate* norte-americana não preocupa demasiado as autoridades brasileiras, desde que este movimento não seja o reflexo de uma deliberada política monetária que possa provocar nova escalada de juros, como em 1980 e 1981.

— De qualquer maneira, os EUA estão brincando com fogo. As taxas de juros internacionais, de



responsabilidade imediata dos EUA — porque são consequência de sua incapacidade para reduzir o déficit fiscal — estão causando mais estrago do que toda a crise do petróleo. O petróleo pode deixar de ser comprado, mas os juros, quando não são pagos, aumentam a dívida em progressão geométrica e tornam inviável a sua administração.

— Por que pode o Brasil negociar com o FMI um programa que em três anos — isto é, no final de 1984 — vai eliminar o déficit público, e os Estados Unidos são incapazes de fazer esse esforço?

— Os juros altos agravam seriamente a recessão mundial, pois não só pesam sobre o balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento como inibem os investimentos estrangeiros e reduzem os estoques internacionais, e, portanto, a demanda de *commodities*, com queda de suas cotações, o que reduz as importações e as exportações, de um modo geral.

Sobre a previsão do economista-chefe do First Boston Bank de que, ao final de 1984, as taxas de juros poderão igualar os níveis mais altos já alcançados nos EUA, Galvêas disse não acreditar numa escalada dos juros, porque não há razões de mercado para isso. Entretanto, se acontecesse de voltarmos novamente às taxas de 20% de juros, como em 1981, é bom que o governo norte-americano se cuide, pois as consequências nos mercados financeiros internacionais se-

riam catastróficas para os bancos.

Fragilidade da estratégia

Com a decisão dos bancos norte-americanos de aumentar a taxa de juros preferenciais (*prime rate*), o Brasil terá de gastar US\$ 12 bilhões este ano com o pagamento de juros da dívida externa (a previsão inicial era de US\$ 10,2 bilhões). Essa é a opinião do economista Gilberto Dupas, vice-presidente do Banespa, para quem a elevação da taxa demonstra "que o País precisa equacionar o problema do endividamento de maneira abrangente, deixando de contar apenas com o superávit comercial".

Dupas lembrou que juros num total de US\$ 12 bilhões demonstram a fragilidade da atual estratégia do governo: "Com o aumento da taxa, o superávit comercial (que deverá ser de US\$ 9,5 bilhões) conseguirá pagar apenas 80% dos juros. Assim, todo o esforço que o País vem fazendo para conseguir o superávit — recessão econômica, desprestígio do mercado interno — terá pouca utilidade".

O vice-presidente do Banespa disse também que o problema da dívida só poderá ser solucionado quando os juros forem inferiores ao crescimento das exportações: "Essa tese, defendida até pelo ex-ministro Mário Simonsen, é o caminho para que o Brasil saia da difícil situação em que se encontra".

Prime a 13,5%?

O vice-presidente do Banco Nacional de Comércio de San Antônio, Texas, Randolph Miller, disse ontem no México que as taxas de juros preferenciais dos Estados Unidos subirão até 13,5% pelo menos. O aumento será uma consequência da elevada dívida acumulada e do alto déficit comercial dos EUA.

Ainda ontem, a Junta da Reserva Federal aumentou, de 8,5% para 9%, a taxa de desconto que o banco central norte-americano impõe aos empréstimos concedidos aos bancos comerciais. O aumento foi motivado pela brecha entre as taxas de mercado a curto prazo e a taxa de desconto.